

EXERCÍCIOS SOBRE QUINHENTISMO

LEIA OS DOIS TEXTOS E COMPARE-OS.

A lingua deste gentio toda pela Costa he, huma: carece de tres letras —scilicet, não se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.

Estes indios andão nús sem cobertura alguma, assi machos como femeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu. Vivem todos em aldêas, póde haver em cada huma sete, oito casas, as quaes são compridas feitas a maneira de cordoarias; e cada huma dellas está cheia de gente duma parte e doutra, e cada hum por si tem sua estancia e sua rede armada em que dorme, e assi estão todos juntos huns dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica hum caminho aberto pera se servirem. Não ha como digo entre elles nenhum Rei, nem Justiça, sómente em cada aldeã tem hum principal que he como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força; morrendo este principal fica seu filho no mesmo lugar; não serve doutra cousa se não de ir com elles á guerra, e conselha-los como se hão de haver na peleja, mas não castiga seus erros nem manda sobrelles cousa alguma contra sua vontade. Este principal tem tres, quatro mulheres, a primeira tem em mais conta, e faz della mais caso que das outras. Isto tem por estado é por honra. Não adorão cousa alguma nem têm pêra si que ha na outra vida gloria pera os bons, e pena pera os maos, tudo cuidão que se acaba nesta e que as almas fenecem com os corpos, e assi vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz, Belo Horizonte: Itatiaia, 1980

Quanto à organização social dos selvagem, é coisa quase incrível – e dizê-la envergonhará aqueles que têm leis divinas e humanas – que, apesar de serem conduzidos apenas pelo seu natural, ainda que um tanto degenerado, eles dêem tão bem e vivam em tanta paz uns com os outros. Mas com isso me refiro a cada nação em si ou às nações que sejam aliadas; pois quanto aos inimigos, já vimos em outra ocasião o tratamento terrível que lhes dispensam. Porque, em ocorrendo alguma briga (o que se dá com tão pouca freqüência que durante quase um ano em que com eles estive só os vi brigar duas vezes), os outros nem sequer pensam em separar ou pacificar os contendores; ao contrário, se estes tiverem de arrancar-se mutuamente os olhos, ninguém lhes dirá nada, e eles assim farão. Todavia, se alguém for ferido por seu próximo, e se o agressor for preso, ser-lhe-á infligido o mesmo ferimento no mesmo lugar do corpo, por parte dos parentes próximos do agredido, e caso este venha a morrer depois, ou caso morra na hora, os parentes do defunto tiram a vida ao assassino de um modo semelhante. De tal forma que, para dizer numa palavra, é vida por vida, olho por olho dente por dente etc. Mas como já disse, são coisas que raramente se vêem entre eles.

[...]

E, ainda sobre a convivência que tive com os selvagens da América dos quais falo agora, se alguém me perguntasse se nos sentíamos seguros entre eles, responderia que, assim como ele odeiam moralmente os inimigos, os quais como vimos antes, quando caem em suas mãos são abatidos e devorados sem contemplação, amam, ao contrário, com tal força seus amigos e aliados (e nós éramos aliados daquela não dos tupinambás) que para defendê-los e evitar que sofressem algum agravo se deixariam picar em mil pedacinhos, como se costuma dizer. De tal modo que, tendo eu vivido com eles, confiaria mais neles e de fato estava mais seguro em meio àquele povo que chamamos selvagem do que me sinto hoje em alguns lugares de nossa França, com franceses desleais e degenerados: falo daquele que assim são, pois quanto à gente de bem, de que graças a Deus o reino ainda não está desprovido, muito me entristeceria denegrir sua honra.

LÉRY, Jean de. Viagem às terras do Brasil. Crônicas dos Descobridores. São Paulo: Ática.

Agora, faça um texto argumentativo com a seguinte estrutura:

1. introdução: Apresente os textos fazendo referência ao quinhentismo e suas características gerais (consulte a apostila ou a internet).
- 2.Desenvolvimento: Exponha seu ponto de vista a respeito da relação entre os dois textos (se eles transmitem a mesma ideia, se se opõem ou se diferem apenas), apresentando análise do texto para justificar seu ponto de vista e citando o texto, quando necessário, para comprovar.
3. A partir do ponto de vista desenvolvido no parágrafo anterior sobre a relação entre os textos, faça uma conclusão a respeito dos textos quinhentistas e da importância de sua leitura para os brasileiros.

Leia o texto

Começarei também êste capítulo das aves, a que os tupinambás chamam de um modo geral urá¹, pelas que servem de alimento. Antes de mais nada direi que êles possuem em grande abundância essas galinhas grandes, ditas da índia e que êles denominam arinhan-assú²; os portugueses introduziram no país as galinhas comuns, antes desconhecidas e a que os selvagens chamam arinham-mirim. Como já disse, embora apreciem as galinhas brancas, por causa das penas que tingem de vermelho e com as quais se enfeitam, não as comem. E como pensam que os ovos, arinhan-ropiá³ são venenosos, não só ficavam muito admirados em nos ver sorvê-los mas ainda diziam que por falta de paciência para deixá-los chocar praticávamos a gulodice de comer uma galinha inteira num ôvo. Não dão

importância às suas galinhas, tal qual se tratasse de aves silvestres; deixam-nas andar por onde querem e elas chocam nos matos e moitas de sorte que as mulheres selvagens não têm o trabalho de criar os pintos com gema de ovo como se faz entre nós. E as galinhas se multiplicam entretanto de tal forma nesse país que há localidades ou aldeias pouco freqüentadas pelos estrangeiros, onde, por uma faca do valor de um *carolus* se tem uma galinha da Índia; e por uma de dois *liards*, ou por cinco ou seis anzóis se obtêm três a quatro galinhas pequenas comuns.

Jean de Léry - VIAGEM À TERRA DO BRASIL

1. Urá é corruptela de uyrá ou guyrá, indicativo genérico de pássaros. Dentre as numerosas alterações sofridas por essa palavra, principalmente na vernaculização de zoónimos, notam-se oyrá, oirá, uirá, virá, vyrá, hurá, huyrá, oerá, birá, ará, ourá, guará, gará, grá etc. Vide: "Nomes de Aves em Língua Tupi", de Rodolfo Garcia, in Boletim do Museu Nacional, vol. V. nº 3. setembro de 1929 (P. A.).

2. Os antigos vocabulários, quase sem exceção, registram Sapukái ou guyrásapukái como designativo da galinha. Parece-nos difícil a etimologia de arinham ou arinã. Se admitirmos que ela representa mais ou menos a pronúncia do índio, será uyrá + nã, ave que corre ou também guyrá + nã, como se vê em Sampaio (op. cit. 214). Não nos sendo dado restaurar a expressão, nada podemos afirmar a seu respeito. É curioso notar que ela aparece com a mesma grafia e sentido em Thévet (P. A.).

3. Cf. Thévet, Singularités, § 44. *** Ropiá, de hopiá (çopiá nos vocabulários do tupi da costa) significa, de fato, ôvo, ovas. No guarani dizia-se hupíá, rupiá etc. (P. A.).

4. Moeda antiga (T.).

5. Moeda divisionária antiga (T.).

1. Sobre os aspectos literários do trecho, responda:

a) O autor demonstra em sua descrição através de sua descrição mudanças na cultura e hábitos indígenas causadas pelo contato entre portugueses e indígenas. Explícite-as.

b) Portugueses e índios travaram além de guerras e alianças, o comércio. Indique o trecho do texto que se refere especificamente ao comércio entre eles.

c) Geralmente os textos quinhentistas representam apenas um lado da colonização, a dos portugueses. Nesse trecho porém, podemos entrever um pouco o lado dos indígenas a respeito dos portugueses. Que imagem os portugueses parecem ter para os indígenas, a partir do texto acima?

c) Faça um parágrafo demonstrando o "choque cultural" manifesto no discurso acima lido.

d) Considerando que o valor de um texto literário é representar a realidade da sociedade em que foi criada, faça um pequeno parágrafo argumentativo sobre a sociedade indígena representada: que imagem o autor faz dela?

2. Sobre os aspectos textuais do trecho, responda:

a) A voz textual não é apenas de uma viajante, como sugere o título, mas de um viagem francês. Explique a causa histórica para essa voz textual.

b) De acordo com as observações do autor, quem seria o leitor ideal das suas anotações de viagem?

c) Se observarmos a sonoridade do texto, podemos dizer que o autor é um entusiasta da causa indígena, um europeu que acredita serem os indígenas bárbaros ou um curioso que gosta do exotismo?

d) Sobre o léxico utilizado pelo autor, poderemos fazer duas observações quanto ao uso e escolha:

1º) Por que o autor, sendo francês, utiliza palavras do vocabulário tupi?

2º) As descrições obedecem critérios de uma curiosidade científica ou leiga?